

# Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário



## Editores:

Gertrudes Branco, Leonor Rocha  
Cidália Duarte, Jorge de Oliveira  
Primitiva Bueno Ramírez

# Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário

Actas do II Congresso Internacional  
Sobre Arqueologia de Transição  
(29 de Abril a 1 de Maio 2013)

Editores

Gertrudes Branco  
Leonor Rocha  
Cidália Duarte  
Jorge de Oliveira  
Primitiva Bueno Ramírez

CHAIA  
2015

**Coordenação Editorial:**

Gertrudes Branco  
Leonor Rocha  
Cidália Duarte  
Jorge de Oliveira  
Primitiva Bueno Ramírez

**Design:**

Ivo Santos  
Gertrudes Branco  
Leonor Rocha

**Comissão Organizadora:**

Leonor Rocha (CHAIA/ Universidade de Évora)  
Cidália Duarte (DRCN)  
Gertrudes Branco (CHAIA)  
Ivo Santos (CHAIA/ Universidade de Évora)  
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora)  
Jorge de Oliveira (CHAIA/ Universidade de Évora)  
André Carneiro (CHAIA/ Universidade de Évora)  
Rosário Fernandes (CHAIA/ Universidade de Évora)  
Paula Morgado (CHAIA/ C. M. Monforte)  
Sérgio Batista (C.M. Monforte)

**Comissão Científica:**

Ana Maria Bettencourt (Universidade do Minho)  
Ana Maria Silva (Universidade de Coimbra)  
André Carneiro (Universidade de Évora)  
Chris Scarre (Durham University)  
Cidália Duarte (DRCN)  
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora)  
Filomena Barros (Universidade de Évora)  
Helena Catarino (Universidade de Coimbra)  
Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)  
Leonardo García Sanjuán (Universidad de Sevilla)  
Leonor Rocha (Universidade de Évora)  
Luc Laporte (Université de Rennes)  
Primitiva Bueno Ramírez (Universidad de Alcalá de Henares)  
Rodrigo de Balbin Behrmann (Universidad de Alcalá de Henares)  
Serge Cassen (Université de Nantes)  
Teresa Matos Fernandes (Universidade de Évora)

**Apoio Técnico:**

Ana Leonor Cavaco  
Maria Manuela Mexia  
Patrícia Flores  
Pedro Soares  
Rita Moura Torres  
Sérgio Batista

**Edição:**

CHAIA

Centro de História de Arte e Investigação Artística

Universidade de Évora

Palácio do Vimioso

Largo Marquês de Marialva, 8

7000-809 Évora

<http://www.chaia.uevora.pt/>

CHAIA/UE - Referência: UID/EAT/00112/2013

Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto - Refª UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UE 2014]

**ISBN: 978-989-99083-6-9**

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores.

Sendo assim a organização declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

**Patrocinadores/Apoio institucional:**



## ÍNDICE

PREFÁCIO	VII
DE NASCENTE PARA POENTE: REFLEXÕES SOBRE A SINTAXE DA ARQUITECTURA MEGALÍTICA NO ALENTEJO.....	1
Pedro Alvim	
O “ETERNO DESCANSO” NO NEOLÍTICO DO ALENTEJO NORTE.....	7
Jorge de Oliveira	
NOVOS DADOS SOBRE O MEGALITISMO FUNERÁRIO DO CONCELHO DE AVIS.....	17
Ana Ribeiro	
CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO (ÉVORA, PORTUGAL): AS PONTAS DE SETA.....	34
Ivo Santos; Leonor Rocha	
ANTA GRANDE DO ZAMBUJEIRO (ÉVORA, PORTUGAL): CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS CERÂMICAS.....	42
Leonor Rocha	
ANÁLISIS DEL MODELO DE ORGANIZACIÓN ESPACIAL DE LA NECRÓPOLIS DE VALENCINA. LA COMPLEJIDAD SOCIAL A DEBATE.....	52
Juan Carlos Mejías García; M <sup>a</sup> Rosario Cruz-Auñón Briones; Ana Pajuelo Pando; Pedro Manuel López Aldana	
A ANTA DO MONTE VELHO (MONFORTE, PORTUGAL).....	71
Leonor Rocha; Paula Morgado	
APRECIACIONES EN RITUALES FUNERARIOS DE CUEVAS ARTIFICIALES, GILENA UN EJEMPLO.....	78
M <sup>a</sup> Rosario Cruz-Auñón Briones; Juan Carlos Mejías-García; Ana Pajuelo Pando; Pedro Manuel López Aldana	
OS HIPOGEUS 3 E 4 DA QUINTA DO ANJO (PALMELA) – UMA ABORDAGEM GEOARQUEOLÓGICA.....	90
Pedro Mendes	
LAS ESTRUCTURAS FUNERARIAS DE CERRO VASCONCILLAS (ROTA, CÁDIZ).....	106
Yolanda Costela Muñoz; Helena Courtot	
ENTERRAMENTO DE CÃES NA QUINTA DO ALMARAZ (ALMADA, PORTUGAL).....	113
Francisco Correia	
MORRE-SE HÁ MUITO TEMPO SOBRE A TERRA. TOPOGRAFIA FUNERÁRIA E SOCIEDADE NO ALTO ALENTEJO EM ÉPOCA ROMANA.....	125
André Carneiro	
DA NECRÓPOLE AO POVOADO DE SÃO FARAÚSTO II (ORIOLA, PORTEL): NOVAS PERSPECTIVAS ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM PLURIDISCIPLINAR.....	140
Carlos Ferreira; Catarina Mendes; Maria Teresa Ferreira; Hélder Santos; Nuno Barraca	
A NECRÓPOLE ROMANA DA ROUCA (ALANDROAL, ÉVORA).....	146
Mónica S. Rolo	
A NECRÓPOLE DO POÇO DO CORTIÇO (ALANDROAL, PORTUGAL).....	154
André Carneiro; Leonor Rocha	
A PREFERÊNCIA PELA INUMAÇÃO NAS NECRÓPOLES ROMANAS DOS SÉCS. III - IV D.C. DO MUNICÍPIO DE PENAFIEL (NORTE DE PORTUGAL).....	159
Teresa Soeiro	
COLEÇÃO ANTÓNIO/DELMIRA MAÇÃS. O CASO DAS NECRÓPOLES DE SÃO SALVADOR DE ARAMENHA: CERÂMICA COMUM. DADOS PRELIMINARES.....	175
Vítor Dias	
MUDANÇAS NOS SÍMBOLOS MATERIAIS DE IDENTIDADE NO PERÍODO VISIGODO A PROPÓSITO DAS FIVELAS DE CINTURÃO LIRIFORMES.....	187
Sofia Lovegrove	
HALLAZGO DE UN SARCÓFAGO TARDORROMANO EN SANTA MARÍA DE BENQUERENCIA, TOLEDO.....	195
Elena Rosado Tejerizo; Antonio Rodríguez Fernández; Elena Justel Gómez	
LA CATACOMBE DES SAINTS PIERRE-ET-MARCELLIN A ROME (IER-III S.) : DISCUSSION SUR L’ORIGINE DES DEFUNTS ET LEUR DECES.....	197
Philippe Blanchard; Hélène Reveillas; Sacha Kacki; Dominique Castex	

UNA NUEVA NECRÓPOLIS DE ÉPOCA VISIGODA EN CUBILLEJO DE LA SIERRA (GUADALAJARA, ESPAÑA).. M <sup>a</sup> Luisa Cerdeño; Emilio Gamó; Marta Chordá	217
EXCAVACIÓN ARQUEOLÓGICA EN LA NECRÓPOLIS MEDIEVAL DE SAN LÁZARO, TOLEDO..... Antonio Rodríguez Fernández; Elena Rosado Tejerizo	224
ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA..... Maria de Fátima Palma; Clara Rodrigues; Teresa Carmo	234
LA NECRÓPOLIS MUDÉJAR-MORISCA DE MUEL (ZARAGOZA): EL REFLEJO DE DOS RITOS FUNERARIOS EN LA ESPAÑA MODERNA..... Ieva Reklaityte; Enrique García Francés	246
OS ELEMENTOS DE ADORNO NA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA DA ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA..... Lígia Rafael; Maria de Fátima Palma; Rute Fortuna; Clara Rodrigues	258
SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DA FREGUESIA DE ROSMANINHAL (IDANHA-A-NOVA)..... Mário Chambino; Francisco Henriques; João Carlos Caninas	272
ESTELAS MEDIEVAIS DO CASTRO DO JARMELO (GUARDA)..... Tiago Pinheiro Ramos	289
O ESPAÇO FUNERÁRIO ALTO-MEDIEVAL DA TORRE VELHA (CASTRO DE AVELÃS, BRAGANÇA)..... Sofia Tereso; André Brito; Cláudia Umbelino; Miguel Cipriano; Clara André; Pedro C. Carvalho	297
ARQUEOLOGÍA FUNERARIA EN LA ALTA MONTAÑA DE TENERIFE (ISLAS CANARIAS)..... Sergio Pou Hernández; Matilde Arnay de la Rosa; Carlos García Ávila; Efraín Marrero Salas; Emilio González Reimers	307
FORGET ME NOT... EXPOSURE OF CASE STUDIES DETECTED IN FUNERARY CONTEXTS, WHICH DEPOSITION IS UNUSUAL (PORTUGAL)..... Sónia Ferro; Daniela Anselmo; Teresa Matos Fernandes	318
ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO, TAVIRA..... Sandra Cavaco; Jaquelina Covaneiro; Teresa Carmo	325
ESTUDO ANTROPOLÓGICO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, TAVIRA (PORTUGAL)..... Jaquelina Covaneiro; Sandra Cavaco; Teresa Carmo	332

## **PREFÁCIO**

Mais do que grandes templos ou majestosos palácios os testemunhos materiais da morte foram desde sempre objeto de atenção e estudo por parte dos que sobre as memórias do passado se interessam. Muito antes da fase científica da história da arqueologia, ou mesmo antes da fase dos “antiquários”, encontramos referências, ainda que numa forma algo fantasiosa ou lendária, a estruturas tumulares e a obscuros ritos com elas relacionadas.

A forte carga mágica e religiosa em que todos os povos e culturas envolveram a morte contribuiu para que ela fosse ritualizada de diferentes formas, mas sempre mantendo uma gramática praticamente comum, a de perpetuar a memória dos que morriam. Assim, mais discretos, ou mais monumentais os espaços da morte foram e continuam a ser procurados com diversos interesses, sejam eles científicos, religiosos ou, simplesmente, por aqueles a que vulgarmente chamamos de “caça tesouros”. Mas as memórias materiais da morte não se esgotam nos espaços sepulcrais. Em paralelo existe um vasto conjunto de artefactos específicos, diretamente associados com os contextos funerários, que de uma forma direta ou indireta preencheram ao longo dos tempos os vastos complexos rituais da morte nos diferentes ambientes que os produziram. Indissociável das estruturas e dos artefactos funerários o grande universo da antropologia biológica, nas suas mais diversas vertentes e durante tanto tempo negligenciada, evidencia a enorme importância destes saberes para a construção da memória histórica e arqueológica.

O Laboratório de Arqueologia da Universidade de Évora em parceria com o CHAIA ao organizarem a segunda edição do CIAT – 2º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição entenderam dedicá-lo, exatamente, aos diferentes contextos funerários, dando especial preferência aos estudos realizados sobre os distintos períodos de transição cultural. Neste evento participaram um alargado conjunto de investigadores que apresentaram e discutiram os resultados dos seus estudos abrangendo um amplo espectro cronológico.

Os três dias do congresso, que decorreu na Universidade de Évora, de 29 Abril a 1 de Maio de 2013, evidenciou quão justo foi o tempo porque muitos foram os comunicantes e assistentes que quiseram partilhar e discutir os últimos resultados das mais recentes investigações sobre o mundo funerário, evidenciando quanto oportuna foi a realização desta reunião científica e cujas actas agora se publicam.

A todos os comunicantes e participantes e sobretudo a todos os que se disponibilizaram para que este congresso se realizasse e a publicação das actas se concretizasse manifestamos o nosso agradecimento esperando que em breve consigamos organizar o 3º Congresso de Arqueologia de Transição.

1 de Maio de 2015

Jorge de Oliveira

# A ANTA DO MONTE VELHO (MONFORTE, PORTUGAL)

Leonor ROCHA<sup>1</sup>  
Paula MORGADO<sup>2</sup>

## ABSTRACT

The dolmen Monte Velho 1 (Monforte, Portugal) is integrated in megalithic tour guide created by the municipality Monforte, and is the first in a series of four monuments (one menhir and three dolmens) to be excavated under the project " Archaeological Map of Monforte ", the scientific responsibility of the signatory . The work done in the last two years (2011 and 2012) were aimed at excavation of the monument and evaluating the extent of damage caused by violations and acts of vandalism perpetrated in unknown date.

The monument had a completely damaged chamber having its archaeological level completely removed. This could also be noticed in part of the corridor (near the camera) where prehistoric materials appeared mixed with other more recent chronology.

Compared to the architecture, we can see that it was a monument with a singularity since the runner, unlike the applicant in other monuments in the region presents a misaligned with the axis of the runner chamber

**Keywords:** Megalithic tombs, Alentejo, Monforte, Portugal

## RESUMO

A Anta do Monte do Velho ou anta do Velho 1 (Monforte, Portugal) encontra-se integrada no Percurso de Megalitismo do concelho, criado pela autarquia, e é o primeiro de um conjunto de 4 monumentos (1 menir e três antas) a ser intervencionado no âmbito do Projeto "Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Monforte - LEVAM" da responsabilidade científica das signatárias.

Os trabalhos realizados nos últimos dois anos (2011 e 2012) tiveram como objectivo a escavação do monumento e avaliação da extensão dos danos causados por sucessivas violações e actos de vandalismo perpetrados em data(s) desconhecida(s).

O monumento apresentava uma câmara completamente danificada tendo o seu nível arqueológico sido integralmente removido. Esta situação também se verificava em parte do corredor (junto à câmara) onde os materiais pré-históricos surgiam misturados com outros, de cronologia mais recente.

Em relação à arquitectura, podemos verificar que se tratava de um monumento com alguma singularidade, uma vez que o corredor, ao contrário do que é recorrente

nos outros monumentos da região apresenta um corredor desalinhado com o eixo da câmara.

**Palavras-Chave:** Megalitismo funerário, Alentejo, Monforte, Portugal

## 1. Enquadramento do Sítio

A anta do Monte Velho localiza-se no concelho de Monforte, freguesia de Monforte (Fig.1).

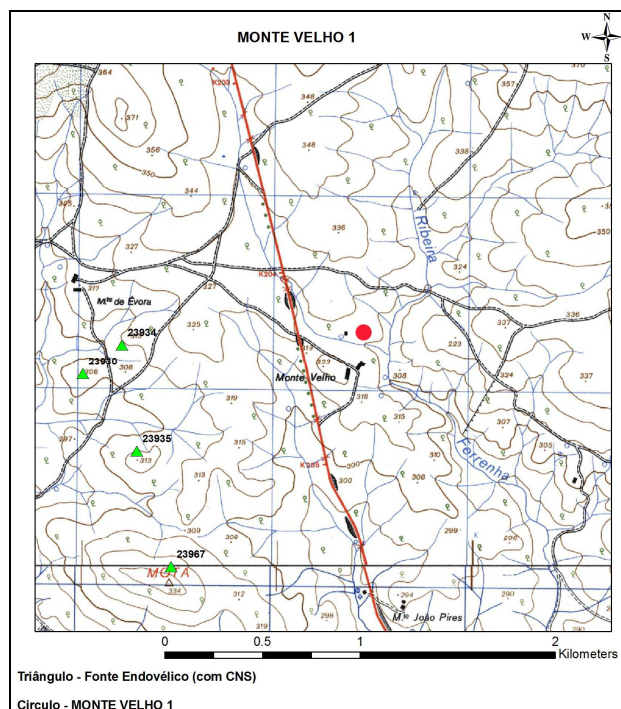


Figura 1 - Localização do monumento - C.M.P. 371 - Esc. 1:25000

O monumento encontra-se implantado numa área de relevo suavemente ondulado, entre duas pequenas linhas de água que alimentam a ribeira da Ferrenha, de caudal intermitente.

Do ponto de vista geomorfológico esta área integra-se numa região relativamente diversificada, entre a Serra de S. Mamede a Norte e a Serra d'Ossa, a Sul. Monforte integra ainda o sistema aquífero Monforte - Alter do Chão, com uma área de cerca de 100 km<sup>2</sup>, orientada sensivelmente NW-SE (Fernandes, 2001). Do ponto de vista geológico estamos perante uma região muito diversificada, com predomínio para as rochas magmáticas - ortogneisses e granitos (Gonçalves et al, 1973, 1975, 1978).

Em termos topográficos podemos considerar que o concelho de Monforte apresenta formas de relevo suaves, representadas a Norte, enquanto a Sul/Sudeste, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos associados ao substrato antigo, embora peneplanizado. Os declives mais acentuados apresentam-se junto às ribeiras de

<sup>1</sup> Investigadora do CHAIA. Docente/ Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora

<sup>2</sup> Investigadora do CHAIA/ Arqueóloga. Câmara Municipal de Monforte



Almuro, Ribeira Grande, da Samarra e do Carrascal, do Almadafe, do Divor e da Têra.

As cotas mais elevadas encontram-se a Sul, junto a Stº Aleixo (402m) e nas formações a Este/Norte de Vaiamonte (393m). Os vales são abertos, com declives relativamente suaves, de fácil transitabilidade.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 refere-se a agricultura cerealífera (trigo, cevada e centeio), os favais, os olivais e os grandes montados que produzem bolota e alandes, como os principais frutos da terra, para além da disponibilidade de outros recursos como a pesca de bogas, nas ribeiras “pouco caudalosas” e a caça de lebres, coelhos e perdizes (Cosme e Varandas, 2010). Atualmente, o concelho apresenta áreas com algumas culturas cerealíferas a par de extensas zonas de montado, olivais e de explorações de gado bovino.

## 2. O monumento

A anta do Monte Velho (Velho1) encontra-se em espaço rural, numa propriedade vocacionada para a criação de gado bovino (Fig.2). O terreno, na envolvente do monumento, não é lavrado há várias dezenas de anos, pelo que a vegetação espontânea tende a crescer em redor, razão pela qual necessita de trabalhos regulares de manutenção.



Figura 2 - Implantação da Anta do Velho 1

Antes de se iniciarem os trabalhos arqueológicos foi realizado um levantamento topográfico com a marcação da quadrícula (16m x 5m), realizados pelos serviços de topografia da Câmara Municipal de Monforte (Emídio Mata), com o apoio das signatárias.

No ano de 2011 procedeu-se a uma limpeza superficial da vegetação (decapagem). Manualmente removeram-se os elementos vegetais e alguns lixos domésticos como roupas, vidros, metais e plásticos, que tinham vindo progressivamente a ser depositados no local, dado o seu estado de abandono.

Em termos de arquitectura, a anta do Monte do Velho apresentava algumas singularidades. A uma câmara que poderemos considerar que se enquadra dentro dos cânones tradicionais, poligonal, com sete esteios, anexa-se um corredor, que se apresenta dissonante no conjunto, uma vez que se encontra com acentuado desvio para Sul.

### 2.1. Descrição da intervenção realizada

Nos finais do séc. XX, a anta do Monte do Velho havia tido trabalhos de conservação que consistiram na colocação de pedra miúda (gravilha) e geotêxtil do interior da câmara uma vez que esta se encontrava em risco de ruir devido à existência de uma enorme cova existente, resultante de anteriores violações. No início dos trabalhos de escavação houve assim necessidade de se proceder à sua estabilização, com a colocação de escoras de madeira e metálicas, antes de se proceder à remoção destas pedras. Subjacente a esta camada, foi identificada e removida a camada de protecção colocada em 1998/99, sob a qual ainda se encontrava um verdadeiro caos de blocos de pedras, de diferentes dimensões que se encontravam misturados com materiais de cronologia muito recente (pregos, arames, vidros, plásticos) e escassos materiais arqueológicos pré-históricos (cerâmicas). A escavação da câmara permitiu verificar que, infelizmente, esta realidade se prolongava até à base, não se tendo identificado nenhum nível arqueológico preservado. Após se ter confirmado esta situação e tomado a decisão de considerarem concluídos os trabalhos nesta área, por razões de segurança, procedeu-se ao seu desenho, fotografia e cotagem tendo-se de seguida colocado o geotêxtil, seguido de pedras, dispostas manualmente e terras. Posteriormente procedeu-se à remoção das escoras metálicas.

Em relação ao corredor, existiam ainda duas tampas caídas no seu interior que tiveram de ser removidas mecanicamente após a escavação dos níveis superficiais (Fig.3).

No tramo final do corredor, junto à câmara, a realidade era semelhante: todas as camadas se encontravam bastante revolvidas, com pedras e materiais de diferentes cronologias, misturados, desde as cerâmicas manuais pré-históricas, até aos pregos, arames e cerâmicas vidradas.

Face ao desvio do corredor para Sul houve a necessidade de se alargar a quadrícula inicialmente estabelecida em 18m<sup>2</sup>, uma vez que este se prolongava para além dos limites iniciais.



Figura 3 - Remoção das tampas caídas dentro do corredor

Após a remoção das duas tampas do corredor, a continuação da escavação no seu interior permitiu verificar que a nova unidade [12], subjacente às anteriormente registadas nesta área [5], [7] e [8] ainda possuía, na superfície de interface, algumas perturbações. No entanto, é evidente que se trata de uma camada que apresenta muito menos revolvimentos e existem algumas cerâmicas manuais partidas em conexão. Junto aos esteios começaram a identificar-se os calços dos esteios que se encontravam bem definidos do lado Norte e escassos do lado Sul.



Figura 4 - Pormenor dos vasos encontrados no corredor

Entre os primeiros esteios da entrada do corredor foram recolhidos 2 vasos de cerâmica, um com a boca virada para cima e o outro, para baixo (Fig.4). Nesta área a unidade [7] abarcava toda a entrada e alargava-se parecendo formar uma espécie de átrio. Tratava-se de uma unidade que se encontrava muito fragilizada pelo que a sua definição foi extremamente difícil.

A estrutura da mamoa que foi intervencionada, no exterior do corredor, apresenta diferenças entre si. Enquanto do lado Norte, tínhamos uma estrutura pétreia perfeitamente definida, com pedras de dimensão média a grande, do lado Sul, esta não aparecia tão definida e possuía pedras

de menor dimensão. Foram recolhidos alguns materiais arqueológicos nesta unidade [3], nomeadamente instrumentos de pedra polida, muito à superfície e do lado Sul (Fig.5).



Figura 5 - Pormenor machado pedra polida encontrado na mamoa Sul

Os critérios definidos para os trabalhos de escavação consistiram, sempre que possível, na observação das técnicas de registo e leitura estratigráfica propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991).

As unidades estratigráficas identificadas durante os trabalhos foram numeradas sequencialmente, em ordem ascendente a partir de 0. Cada unidade estratigráfica foi descrita de acordo com as estruturas identificadas, as características do solo e a presença de materiais arqueológicos associados. As terras resultantes da escavação foram integralmente crivadas.

## 2.2. UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS

- [0] – Unidade estratigráfica composta por coberto vegetal, com vegetação rasteira (gramíneas) e pedras da mamoa
- [1] – Unidade composta por uma camada de gravilha e geotêxtil, colocados no interior da câmara nos finais dos anos 90, como forma de protecção do monumento.
- [2] - Unidade composta por pedras de pequena e média dimensão que preenchem a câmara, por baixo de [1].
- [3] – Camada de terras, subjacente à [0], no exterior do monumento. Apresenta tonalidade castanha clara, com algumas pedras misturadas.
- [4] – Camada localizada no interior do corredor (entre a entrada da câmara e os 2 esteios do corredor até à tampa/esteio tombado na vertical). As terras são claras, com muitas pedras de diferentes dimensões que poderão pertencer à mamoa.
- [5] – Camada de terras castanhas claras na área de entrada do corredor. Quadrados G/E/F, 7 e 8.
- [6] – Primeiro anel da mamoa que encosta aos esteios do monumento E/F, 8.
- [7] – Camada de pedra miúda que aparece por baixo da [5] mas que se prolonga para a entrada. Abarca o corredor

nos quadrados E/F, 8. Corresponde ao átrio do monumento.

[8] – Camada subjacente à [4] entre a câmara e a tampa vertical, com menos pedras e mais pequenas. Presença de algumas cerâmicas. Terra castanha solta.

[9] - Cama da tampa [11] que se encontrava derrubada a meio do corredor. Com pedras por baixo, de diferentes dimensões, algumas na vertical e alguns materiais arqueológicos (cerâmicas). Terras castanhas soltas e húmidas.

[10] - Tampa que se encontrava caída quase na vertical, dentro do corredor, junto á câmara.

[11] - Tampa que se encontrava tombada, sensivelmente a meio do corredor. Encostava à [4], [8] e [9].

[12] – Camada de terras castanha clara, mais ou menos compacta, com algumas pedras à mistura, que se define no interior do corredor subjacente às U.E. 5, 7 e 8.

### 3. Os Espólios

Foram identificados e recolhidos diversos fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, alguns com possibilidade de reconstituição formal e com colagem entre si, correspondendo a recipientes de pequenas dimensões como taças e tacinhas. Foram ainda recolhidos alguns fragmentos de cerâmica com decoração: mamilos e um bordo com linhas horizontais, paralelas ao bordo.

As pastas das cerâmicas, de fabrico manual, são grosseiras, com presenças de muitos elementos não plásticos de pequena e média dimensão.

Na parte intermédia do corredor foram recolhidas duas pequenas taças, adjacentes aos esteios 3 e 4, do lado direito do corredor, um com a boca para cima e outro com a boca para baixo.

Em relação à pedra polida, os escassos exemplares encontrados (3) estavam todos na mamoa, especialmente perto uns dos outros e muito à superfície.

A indústria de pedra lascada encontra-se representada através de pequenas pontas de seta, lascas de sílex, restos de talhe.

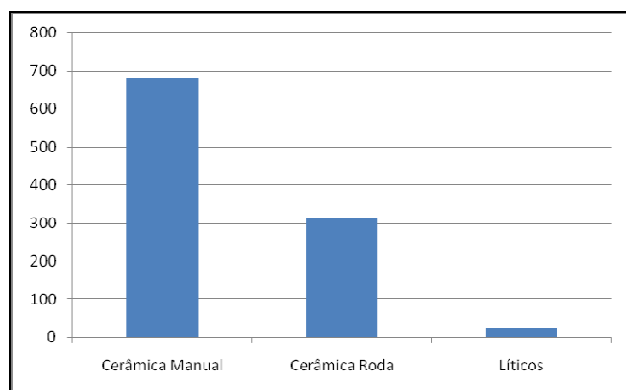


Figura 6 - Principal espólio recolhido - tipos

Foi ainda identificado muito material (lixo) contemporâneo que se encontrava depositado sobretudo na câmara, mas também nas camadas superiores da mamoa.



Figura 7 - Exemplo do lixo recolhido no interior da câmara

### 4. As leituras possíveis: do particular ao geral

Como referimos anteriormente a anta do Monte do Velho encontrava-se muito afetada por anteriores violações, sendo a câmara, a área que se encontrava em pior estado de conservação, quer em termos estruturais, quer em termos estratigráficos.

No que diz respeito ao espólio encontrado, como se pôde verificar anteriormente é, para um monumento desta dimensão, extraordinariamente escasso por comparação com outros monumentos intervencionados na região (Boaventura, 2006; Oliveira, 1998; Parreira, 1996). Naturalmente que este facto pode ter diversas leituras: 1) as vandalizações ocorridas conduziram a uma destruição e/ou extravio dos materiais. Contra esta leitura, e atendendo a outros casos conhecidos (Fernandes e Rocha, 2008; Rocha 2002, 2007, 2008a, 2008b; Rocha e Alvim, 2013), poderíamos referir que, por norma, este tipo de violações conduz a uma grande fragmentação dos materiais que, juntamente com as terras, ficam depositados nas áreas adjacentes (mamoas), o que não parece ser o caso; 2) o monumento, por motivos vários, não teve uma intensa utilização do seu espaço sepulcral. Os dados que dispomos não nos permitem confirmar ou desmentir esta hipótese, uma vez que a escassez de materiais pode resultar de outros episódios (Rocha, 2005), dos quais não nos ficou nenhum registo visível.

Independentemente das hipóteses expostas anteriormente, importa referir aqui algumas ausências que se afiguram estranhas no contexto do megalitismo regional, atendendo, mais uma vez, à dimensão do monumento: as placas de xisto ou de grés, as contas de colar e as grandes lâminas. De fato, as peças que se fragmentam ou as mais pequenas, costumam passar aos “olhos” dos violadores sendo recorrente encontrarmos vestígios delas nas terras superficiais da mamoa ou ainda no interior do monumento

(Boaventura, 2006; Rocha, 2002, 2008a, 2008b), o que não ocorre na anta do Monte do Velho.

Naturalmente que esta questão dos espólios deve ser analisada também noutra relação: a arquitectura megalítica. Na realidade, nem sempre esta relação é fácil de perceber, sobretudo quando lidamos com dados antigos e onde tudo pode ter acontecido, sem que disso restem evidências no registo arqueológico. Esta difícil relação já baralhou anteriores leituras, por não ser, de todo, linear (Rocha, 2005).

A anta do Monte Velho tem, como se referiu anteriormente, algumas características na sua arquitetura que a tornam especial, no concelho de Monforte.

De acordo com parâmetros anteriormente estabelecidos para classificar os corredores dos monumentos megalíticos funerários (Gonçalves, 1989), a anta do Monte Velho pode ser considerada como um monumento de corredor muito longo o que, conjugado com o seu acentuado desvio para Sul, lhe confere algumas singularidades.

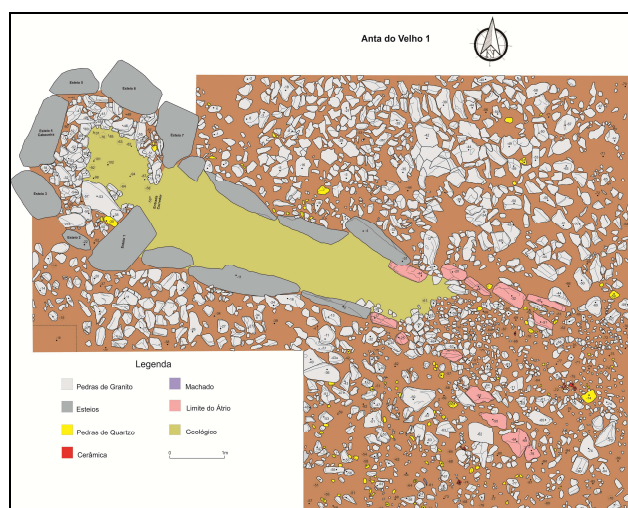


Figura 8 - Planta final com indicação átrio (rosa)

Em termos globais, existem alguns monumentos megalíticos, na região Alentejo, cujos corredores apresentam um desvio, em relação ao eixo da câmara ou outras especificidades. De acordo com a informação e plantas publicadas (Gonçalves, 1992; Leisner e Leisner, 1949, 1959, 1985; Oliveira *et al*, 2007; Parreira, 1996), podemos verificar que: 1) apesar de ser menos frequente, existem monumentos com o corredor desviado para Norte e/ou para Sul, em Nisa, Marvão, Elvas, Avis, Arraiolos, Évora, Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-Novo... 2) alguns monumentos possuem corredores que poderíamos considerar como “sinuosos”, ou seja, independentemente do desvio que possam ter, os corredores têm um desenvolvimento curvilíneo. Inserem-se nesta categoria, por exemplo, as antas da Torre do Ervedal 3 e Poço Branco 2, em Avis (Leisner e Leisner, 1959); 3) a maioria dos monumentos apresenta um corredor curto, médio ou longo, mas retilíneo.

A maioria dos monumentos encontra-se orientada a Este, com ligeiro desvio para Sul - cerca de 10° (Oliveira *et al*, 2007).

Para além do interesse que possa ter a relação orientação/lua/sol, já abordada em outros artigos e por outros investigadores (Gonçalves, 1992; Hoskin e Calado, 1998; Leisner e Leisner, 1959; Oliveira *et al*, 2007; Parreira, 1996; Rocha, 2005), e voltando ao caso específico da anta do Monte Velho, parece-nos que esta orientação, tão marcadamente a Sul, num monumento arquitetonicamente evoluído, se deveriam associar materiais cronologicamente enquadráveis na 1ª metade do III milénio a.n.e, o que não se verificou.

Mais uma vez, as perturbações ocorridas no seu interior, em épocas posteriores, deixam-nos com mais dúvidas do que certezas. De facto, ao não existirem quaisquer evidências de terem existido alguns materiais que, por norma, se consideram os espólios característicos de monumentos mais evoluídos e que aparecem em outros monumentos similares da região, poderemos supor que, ou ainda não faziam parte do ritual (fato estranho, atendendo às suas características arquitectónicas); que já não faziam parte dele ou que apesar de ainda em utilização não quiseram, por algum motivo que nos escapa, inseri-lo neste monumento, como já constado para outros conjuntos megalíticos (Gonçalves, 1992: 103). Por vezes, a investigação que realizamos em determinados sítios/ monumentos deixa-nos, no fim, com mais dúvidas do que certezas. Foi o caso da Anta do Monte Velho, em Monforte.



Figura 9 - Monumento nos trabalhos finais de restauro

## 5. Bibliografia

- BELLIDO BLANCO, A.; GÓMEZ BLANCO, J.L.A. (1996) – Megalitismo y rituales funerarios. *Complutum Extra*. 6 (I). Madrid: Universidad Complutense, p. 141-152.
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do clueter de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 9. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 61-73.
- BOUJOT, C; CASSEN, S. (1997) – Néolithisation et monumentalité funéraire: explorations du tertre de Lannec er Gadouer à Erdeven (Morbihan, France). *In: RODRIGUEZ CASAL, A. Ed.(1996) - O Neolítico atlântico e as orixes do Megalitismo*. Actas do Coloquio Internacional. Santiago de Compostela, 1996. p. 211-232.

- Santiago de Compostela: UISPP, Université de Santiago, 1997.
- BUENO RAMIREZ, P. (1994) – La necrópolis de Santiago de Alcantara (Cáceres). Una hipótesis de interpretación para los sepulcros de pequeño tamaño del megalitismo occidental. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid: [s.n.]. LX, p.25-96.
- BUENO RAMIREZ, P. (2000) – El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura Española: las arquitecturas megalíticas. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 35-80.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2005) – *El dolmen de Azután (Toledo). Areas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- CABRERO, R. (1986) – El Megalitismo en la Provincia de Huelva I: Aportaciones de nuevos datos y estudios de la Arquitectura. *Huelva en su Historia*. [s.l.:s.n.]. 1, p. 83-147.
- CALADO, M. (1994) – A necrópole dolménica do Lucas (Terena, Alandroal). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 2, p. 125-131.
- CALADO, M. (2000) – Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Adecap, p. 35-45.
- CALADO, M. (2001) – Da serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*, 19. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (2003) – Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 351-369.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2000) – Arquitectura espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado – Muitas antas, pouca gente? *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. 16. Lisboa: IPA, p. 195-214.
- CASSEN, S; BOUJOT, C; VAQUERO-LASTRES, J. (2000) – *Eléments d’architecture. Exploration d’un tertre funéraire à Lannec er Gadouer (Erdeven, Morbihan). Constructions et reconstructions dans le Néolithique morbihonnais. Propositions pour une lecture symbolique*. Chauvigny: Association des Publications Chauvignaises.
- CRUZ, D. (1995) – Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-históricos*, v.III, p. 81-119.
- FERNANDES, R; ROCHA, L. (2008) – Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 11. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 29-40.
- FERREIRA, O. da VEIGA, CAVACO, A. R. (1955 - 1957) – Antiguidades do Lousal (Grandola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE e CEEP. XIII. N.S, p. 190-202.
- GARCÍA SANJUÁN, L; GARRIDO GONZÁLEZ, P; LOZANO GOMÉZ, F. (2007) - Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica. *Complutum*. 18 (December 2007), Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ. 2vols.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos*. [s.l.]: CMRM.
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S; SOUSA, A.C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz. In: Gonçalves, V.S., (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? - Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 11-104.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. (n.s.): III, p. 221-237.
- HOSKIN, M; CALADO, M. (1998) – Orientations of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. *Archaeoastronomy*. Cambridge: [s.n.]. 23, p. 77-82.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. (2000) – Poblamiento neolítico y megalitismo en la Alta Extremadura: continuidad, aculturación e implantación. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 95-104.
- JORGE, V. O. (1986) – Polymorphisme des tumulus préhistoriques du Nord du Portugal: le cas d’Aboboreira. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. [s.l.:s.n.]. 86-3, p. 177-182.
- JORGE, V. O. (1991) – Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia. In: *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*. Lisboa: ICT, p. 205-213.
- KALB, Ph. (1989) – O Megalitismo e a neolitização no Oeste da Península Ibérica. *Arqueologia*. 20. Porto: GEAP, p. 33-46.
- LE ROUX, C.-T. (2000) – Il faut qu’une tombe soit ouverte ou fermée. Muitas antas, pouca gente? *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 16, p. 267 – 282.
- LEISNER, G. (1949) – Antas dos Arredores de Évora. *Separata de A Cidade de Évora*. Évora: [s.n.].16, 17, 18.
- LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalith graber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.
- LEISNER, G. e V. (1985) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- LEISNER, V. (1970) – Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmens portugueses. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, v.II, p. 195-198.
- LEISNER, V. (1985) – *Micrólitos – Apontamentos tomados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.
- MARTÍN BRAVO, A. M. <sup>a</sup>; GALÁN DOMINGO, E. (2000) – Megalitismo y paisaje en la cuenca extremeña

- del Tajo. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 81-94.
- MOLIST, M; CLOP, X. (2000) – La investigación sobre el megalitismo en el noroeste de la Península Ibérica: novedades y perspectivas. Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 16, p.253 – 266.
- MORGADO, P; ROCHA, L. (2013) – Carta Arqueológica de Monforte: primeiros dados. Atas do VI *Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. 35pp.
- OLIVEIRA, C; ROCHA, L; MARCIANO DA SILVA, C. (2007) – Megalitismo funerário no Alentejo Central – arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10. Lisboa: IPA. 2, p. 35-74.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- PARREIRA, R. (1996) *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o registo das antas portuguesas*. Lisboa: FLUP. Tese de mestrado policopiada.
- ROCHA, L. (1999) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 2, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999) – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. *II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2002) – A anta do Couto dos Algarves 2 (Crato). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. 20-IV, p. 39-60.
- ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento policopiada.
- ROCHA, L. (2008) - *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 1 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR/DGPC. Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2007) – O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 10. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 73-94.
- ROCHA, L. (2008a) – *Relatório da intervenção arqueológica realizada na anta da Murteira de Cima (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2008b) – *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 2 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L; ALVIM, P. (2013) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoá do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 521-527
- ROCHA, L; CALADO, M. (2006) – *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*. Lisboa: Apenas Livros, Lda.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2014a) – O Neolítico do Concelho de Arraiolos: um ponto de situação. *Actas do 5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 341-349.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2014b) – *Relatório de Prospecção Arqueológica/ 2012. PNTA – Levantamento arqueológico e Patrimonial de Arraiolos – LAPA*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- SILVA, C. T; SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: a sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. 4: I, p. 63-88.
- SILVA, C.T. (1987) – Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). *Actas da Mesa Redonda sobre El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministério de Cultura, p. 85-93.
- SOARES, J. (1996) – Na busca de um passado comum: o Neolítico e as origens do Megalitismo. *Al-madan*. Almada: [s.n.]. 5, p. 37-45.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (1976-77) – O Monumento Megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. II-III, p. 109-150.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In: GONÇALVES, V.S. (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? – Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 117-134.